
Enfermeira Filipa

COVID 19
#FICAREMCASA

Durante umas semanas vivi, pelo menos, duas experiências que não esquecerei. A primeira ser uma jovem infetada com COVID-19, experiência que, segundo os dados que são divulgados diariamente pela Direção Regional de Saúde (DRS), partilho com milhares de pessoas. A segunda o meu contato com o Serviço Regional de Saúde do lado de quem o utiliza. Tenho que ressalvar que esta foi, e ainda é, a minha experiência. E não querendo generalizar o que vivi, no fundo, tenho imaginado que se o fizesse, e aplicando toda a minha experiência a todas as pessoas infetadas na Região Autónoma dos Açores, o caso não seria apenas alarmante mas gravíssimo. Bom, no mínimo, revestido de imprecisões e confusão.

Sou enfermeira, tenho 35 anos. Sou continental mas resido na ilha de São Miguel há 15 anos. Não tenho antecedentes de saúde, não sou fumadora e, devido à minha atividade profissional, mantive e mantenho-me informada sobre as atualizações das informações relativas à pandemia. Escrevo este artigo como cidadã e não como enfermeira, embora as duas sejam absolutamente indissociáveis. Sem saber bem por onde começar, vou fazê-lo relembrando o dia D (do diagnóstico). Quando recebi o telefonema da Delegação de Saúde de Ponta Delgada, custou-me a acreditar nas palavras que estava a ouvir. Se eu não tinha sintomas, não sentia nada de diferente como poderia eu ter contraído o vírus SARS-CoV-2?

Não esperem "pontadas" ao respirar ou, mesmo, falta de ar. Se estão em casa também não esperem ficar especialmente cansados. Na minha experiência tal não aconteceu. Não sei, até hoje, onde contraí o novo coronavírus. Provavelmente nunca irei saber.

Bem, voltando ao dia D, foi neste dia que começou uma das maiores aventuras da minha vida, daquelas que deixam lições e marcas que são difíceis de apagar. Aqui começou o meu confronto com a realidade que nos falam nos órgãos de comunicação social.

Diagnóstico estabelecido, era hora de me isolar no domicílio do meu namorado (com quem tinha estado sem restrições até aquela hora). Dúvidas eram muitas, incertezas cada vez mais e algum receio do que estaria para vir, devo confessar. Sem direito a grandes questões durante o telefonema, foi-me dito que a equipa da Delegação de Saúde de Ponta Delgada estaria ao meu dispor para tornar a experiência menos penosa. A informação era curta e clara: 14 dias isolamento, com direito a efetuar o primeiro "teste de cura" no final dos mesmos, sendo que só seria considerada recuperada com dois testes negativos com intervalo de 24 a 48 horas entre cada um. O meu coabitante, como sempre foi "amavelmente" tratado, ficaria em







isolamento profilático durante o mesmo tempo e só seria "libertado" após os meus dois testes negativos.
O que se seguiu foram dias de contatos diários pelos elementos da linha de vigilância ativa, exceto ao domingo porque o vírus também é filho de Deus. Fui contatada nos dias preconizados sem exceção.
As vozes que me contatavam do outro lado eram sempre simpáticas e afáveis. Mas era só isso. Todas as dúvidas teriam de ser colocadas via e-mail. A equipa de médicos da Delegação de Saúde responderia quando tivesse disponibilidade.
Portanto, a história de que estariam ao dispor para qualquer dúvida era daquelas bonitas de livro mas que na realidade não acontecem. Informações contraditórias dos diferentes elementos da equipa, contatos recorrentes para marcação de testes que já tinham sido efetuados e falhas na comunicação foram constantes.
Como não tinha essa informação registada? Não há comunicação?
Pedi a mim mesma muitas vezes que me acalmasse. A verdade é que não havia muito que pudesse fazer. A culpa também não seria da senhora do outro lado do telefone. Mas com certeza também não seria minha.
Seria de quem?
Eu aí percebi muitas coisas. A desorganização de um sistema que eu achava ser organizado e rigoroso.
Percebi o caos do Serviço Regional de Saúde. Um caos diferente do da televisão.
É grave a evidente falta de compromisso com o doente, que está em casa à espera das chamadas prometidas e do acompanhamento que merece. Eu tive muita sorte com os sintomas, mas e quem não teve?
Então, porque me disseram que existia um sistema organizado? Não percebo e preocupo-me. Não me preocupo apenas com esta situação em concreto, preocupo-me com tudo o que eu vi falhar até aqui, e que acumulado é triste de se ver.
Cada caso é um caso e o meu é diferente. Não tenho sintomas graves, nem legítimos. Será que faço parte daqueles números oficiais da DRS?
Li religiosamente os comunicados emitidos diariamente pela entidade supra mencionada: em nenhum deles constavam dados que coincidissem com o meu caso. De certeza que sim, eles é que estão na linha da frente, tal como eu estou, desta pandemia, só temos que confiar... Senão íamos confiar em quem?
Os dias passaram. A rotina é óbvia. O tempo sobra. Organizei os quartos, a casa e as ideias. Apanhei sol, fiz exercício físico, reforcei o sistema imunitário. A uma certa altura do meu isolamento acho que venderia a alma ao diabo por um teste negativo se isso fosse garantia de liberdade.
Teria eu cometido um crime ao contrair SARS-CoV-2? Mentalmente ouvi muitas vezes a frase dos filmes: "Tem o direito de permanecer calada e tudo o que disser pode ser usado contra si." Estava em prisão domiciliária, com direito a receber um telefonema por dia. Senti uma sensação de total abandono pela DRS. E eu que estou ao serviço do Serviço Regional de Saúde, sem nunca lhe falhar, há onze anos. A palavra ingratidão inundou-me o pensamento muitas vezes.
Enquanto isso, a ciência, o mundo e a vida, aconteciam fora daquelas quatro



paredes.
Vi, já em casa, os critérios de cura serem alterados em todo o mundo, em Portugal Continental e na Região Autónoma da Madeira… Exceto nos Açores. Seria o clima da nossa Região Autónoma tão diferente que o vírus se comportaria de forma diferente também? Ironia à parte, estávamos atrasados e desatualizados sobre os avanços da ciência mundial. Consultei, porque tempo não me faltou, toda a literatura atualizada sobre a pandemia. As regras foram atualizadas pela DGS dia 14 de Outubro, na nossa Região foi atualizada dia 12 de Novembro. Um mês depois. Sem justificação. Tudo isto foi, no mínimo e sem querer ferir suscetibilidades, despropositado e revestido de incompetência.
Se existe rigor para encerrar estabelecimentos, Escolas e para impor cercas a concelhos, também nós devemos exigir rigor nos processos e planos de combate ao vírus, bem como no empenho e organização de toda a comunidade médica. Aproveitando a deixa, o aconselhamento e atendimento médico deixou muito a desejar.
A tão apregoada empatia, o tão exaltado rigor científicos nunca existiram por parte do médico que me contatou duas vezes. Atrevo-me a dizer, correndo os devidos riscos, que foi frio, incompreensivo e com desconhecimento de todos os avanços e atualizações relativas a pandemia.
Acima de qualquer decisão, sempre deve haver o entendimento de que o tempo de cada um é diferente. Com a saúde não se brinca.



PUB

